

A cerimônia de troca da indumentária de Nossa Senhora da Glória do Outeiro¹

*The Ceremony of Changing the Clothing of
Our Lady of Glory of the Outeiro*

D. MAURO MAIA FRAGOSO, OSB*

EDUARDO DA COSTA CAMPOS**

Resumo: O artigo trata da cerimônia da troca de indumentária da imagem de orago da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro do Rio de Janeiro. Para maior compreensão do tema foi necessário contextualizá-lo como um rito praticado por uma elite da sociedade fluminense, remontando a costumes europeus, passando pelo Sínodo da Bahia, realizado no ano de 1707, em conformidade com as determinações tridentinas. O ritual que acontece a cada 5 de agosto, conta com a participação dos confrades da Imperial Irmandade da Glória do Outeiro, iniciando com a chamada das Aias que se encontram na sacristia e que deverão aproximar-se da referida imagem para a retirada e substituição da indumentária. Do corpo ou nave da igreja, os confrades participam do evento recitando o rosário e cantando hinos em honra da Virgem. Após a reinstalação da imagem, os confrades sobem para o presbitério e as confradeiras ocupam as primeiras fileiras de cadeiras dispostas na nave da igreja. O rito é concluído com a celebração da Eucaristia.

Palavras-chave: Nossa Senhora da Glória. Aias. Troca de vestes.

1. Este artigo é resultado de uma palestra, ministrada no dia 25 de março 2019, no Seminário Permanente sobre Arte e Devoção, evento coordenado por D. Mauro Maia Fragoso, OSB como disciplina integrante do curso de Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

* Dom Mauro Maia Fragoso, OSB é monge e diretor de Patrimônio do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). Contato: maurofragoso@gmail.com

** Eduardo da Costa Campos é Professor de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Especialista em História da Arte Sacra pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Contato: quironrj18@gmail.com

Abstract: The article deals with the ceremony of changing the clothing of the main statue in the church of Nossa Senhora da Glória do Outeiro (Our Lady of Glory of the Outeiro) in Rio de Janeiro. For a better understanding of the theme, it was necessary to contextualize it as a rite practiced by an elite of Fluminense society, going back to European habits, passing through the Synod of Bahia, held in 1707, in accordance with the Tridentine determinations. The ritual, that takes place in every 5th of August, counts on the participation of the confreres of the Imperial Brotherhood of Glory of the Outeiro, starting with the call of the Maids who are in the sacristy and who should approach the statue for the removal and replacement of the clothing. From the body, or nave of the church, the confreres participate in the event, reciting the rosary and singing hymns in honour to the Virgin. After the sculpture has been reinstalled, the male confreres go up to the presbytery and the female ones occupy the first rows of chairs arranged in the church nave. The rite is concluded with the celebration of the Eucharist.

Keywords: Our Lady of Glory. Maids. Changing clothing.

Introdução

O propósito deste artigo é descrever a Cerimônia de troca das vestes da Imagem de Nossa Senhora do Outeiro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, para contextualização e maior compreensão do tema é preciso abordar outros aspectos, como a importância da Igreja de Nossa Senhora do *Outeiro da Glória*, como um *marco na história da cidade do Rio de Janeiro* (2015) e o contexto costumeiro, da troca de indumentária das imagens de vestir (COELHO e QUITES, 2014). Como escreve Jean-Claude Schmitt (2007), ao longo dos séculos, particularmente desde a Idade Média, *o corpo das imagens* tem exercido fascínios sobre a piedade popular. Deste fascínio não escaparam e continuam não escapando alguns indivíduos, que participam dessa cerimônia, mantendo o vínculo de uma tradição europeia implantada no Brasil, a partir do século XVI, com a sobreposição da cultura ibérica.

Valendo-se da redação de Frei Miguel de São Francisco, Frei Agostinho de Santa Maria (2007, p. 21-24) diz que a origem dessa devoção remonta ao ano de 1671, quando então, Antônio de Caminha fundou este santuário. O texto de Frei Miguel de São Francisco, datado do ano de 1714, informa que naquela

ocasião, o santuário já gozava de considerável reputação dos fiéis, que a ele acorriam em peregrinação, novenas e outros exercícios devocionais dedicados a “esta Senhora gloriosa e piedosa mãe”, a quem cobrem com roupas de ricas sedas, manto roçagante e coroa de prata.

Quanto à imagem, Frei Miguel dos Anjos informou a Frei Agostinho de Santa Maria, que se tratava de uma escultura em madeira, imagem de roca, de grande estatura – passando de sete palmos –, de rara formosura e atraía “os corações de todos os que nela põem os olhos”. Está em pé e sustenta o Menino Deus em seus braços, estando esse de qual modo em posição ereta. São ambas as sagradas “imagens tão belas e tão agradáveis, que levam atrás de si os corações e os afetos”. Foi esculpida “com muito espírito” pelo ermitão e fundador do santuário, Antônio de Caminha (*Loco cit.*).

Esta descrição de Frei Miguel dos Anjos estaria em conformidade com aquilo que o historiador e crítico de arte, Michael Baxandall (1991, p. 53), escreveria cerca de 250 anos mais tarde, ao tratar a *Pintura e experiência social na Itália da Renascença*, remontando ao século XV. Nesta obra, Baxandall analisa o papel daquele que haveria de reproduzir as sagradas imagens, como sendo o de alguém que visualizava as hagiografias “e praticava exercícios espirituais que exigiam um alto grau de precisão na visualização, ao menos dos episódios principais da vida de Cristo e Maria”. Em outras palavras, o pintor ou o escultor contemplava os sagrados acontecimentos, ruminava-os, para que pudesse externar sua espiritualidade através das sagradas imagens, a fim de que outros pudessem interiorizá-las. Neste sentido, pode-se dizer que a preocupação do pintor recaía na forma, ao passo que a atenção do espectador repousava na mensagem veiculada pela imagem (FRAGOSO, 2018, p. 164).

A vigente tradição de revestir as sagradas imagens com luxuosas alfaias remonta à tradição europeia medieval e foi introduzida, em terras brasileiras, pelos ibéricos a partir do século XVI. No ano de 1707, esse tema foi regulamentado pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, quando então, foram estabelecidas normativas referentes à utilização das imagens de vestir no culto eclesiástico. Valendo-se do Concílio Tridentino, as citadas *Constituições* reafirmam e validam o costume de expor nas igrejas as sagradas imagens de Cristo, da Cruz, da Virgem Maria e de outros santos canonizados ou beatificados, a fim de que as imagens, dos santos ou dos mistérios de Cristo, mantenham viva na mente dos fiéis a lembrança dos

benefícios e mercês que, continuamente, recebem diretamente do Cristo ou por intercessão de seus santos. Com isto, as sagradas imagens também incitam a dar graças a Deus e imitar as virtudes dos santos. As mesmas *Constituições* encarregam ainda os bispos de particular diligência e cuidado que devem ter neste assunto, para que não haja abusos, superstições ou qualquer indício de gestos ou atitudes profanas ou desonestas (VIDE, 2010, §696). Que doravante, as imagens de vulto sejam “de corpos inteiros, pintados e ornados de maneira que se escusem vestidos, por ser assim mais conveniente e decente” (Idem, §697).

Como se nota nos templos católicos, nas residências, museus e até mesmo em compartimentos de uso particular, no Brasil, ao longo dos séculos XVIII e XIX, prevaleceu a utilização de imagens de vulto, entalhadas em madeira e policromadas. No entanto, as imagens de vestir não desapareceram de ser entalhadas, por dois ou três motivos particulares: pela facilidade de locomoção nas procissões, tendo em vista seu menor peso; a intimidade devocional dos fiéis que com elas interagem; e o custo de aquisição.

Quanto às antigas imagens de vestir, determinam as *Constituições* que sejam conservadas “de tal modo que não se possa notar indecência nos rostos, vestidos ou tocados, o que com muito mais cuidado se guardará nas imagens da Virgem Nossa Senhora” (Idem, §698). Que estas imagens não sejam retiradas dos templos “e levadas em casas particulares para nelas serem vestidas, nem o serão vestidos ou ornatos emprestados que tornem a servir em usos profanos” (Loco cit.). Mais adiante, as *Constituições Primeiras* retomam o tema, desta vez, indicando o que fazer com os objetos materiais utilizados no culto divino, inclusive os vestidos das imagens (Idem, §726). Reafirma que estes mesmos objetos “não podem mais servir em usos profanos” e que havendo ornamentos rotos ou velhos, estes podem ser reformados com material novo ou uns com os outros, de maneira que possam ainda servir decentemente. Os que estiverem em tal estado que não se possa usá-los, sejam queimados e enterradas as cinzas dentro da igreja, ou lançadas no sumidouro das pias batismais (Idem, §725). Esta determinação deu ensejo à destruição de consideráveis objetos litúrgicos. Não obstante a crescente conscientização, em determinados ambientes religiosos, continua havendo destruições e usos indevidos de objetos sagrados.

Porém, as imagens de vestir, inclusive as de roca, nunca foram suprimidas e continuaram sendo entalhadas. A popularidade das imagens, – particularmente

das imagens de roca –, fez com que os rituais, nos quais elas estivessem presentes ganhassem maior importância, aumentando a dramaticidade e o luxo que as envolvia, sobremaneira, ao longo dos séculos XVII e XVIII. Como afirma Selma de Oliveira (2014, p. 84), a flexibilidade dessas imagens articuladas permite “que possam ser vestidas de formas variadas, estimulando a imaginação das Irmandades, que, nos grandes cortejos religiosos, competiam entre si”. Na transição do século XX para o século XXI, começaram a surgir pesquisadores interessados no tema, como Maria Regina Emery Quites (2006, p. 23-30) e Maria Helena Ochi Flexor (2001, 2005, 2009), que afirma:

A participação das Irmandades e da população na ornamentação de imagens fez o luxo ser, cada vez, mais crescente. Os setecentos substituíram as antigas vestes negras por preciosas vestimentas, de finos tecidos – veludos, sedas, brocados –, por vezes bordados a ouro ou prata que, em conjunto com os demais ornamentos, – pérolas, marfim, pedras semipreciosas –, contribuíam significativamente para a verossimilhança da imagem com figuras luxuosas das Cortes (FLEXOR, 2006, p. 173).

Seguindo as determinações do Sínodo da Bahia, no século XIX, a escultura de Nossa Senhora da Glória passou por um processo de transformação. Embora continuando a ser imagem de vestir, a estrutura de roca foi substituída por outra estrutura de madeira maciça, dotando-a de corpo inteiro e revestindo-a com a veste de pudor, em cor azul. De tamanho natural, a escultura mede aproximadamente 1,65m de altura. Estas informações encontram-se gravadas em uma placa de prata, fixada na base do pedestal, onde se lê: “O corpo desta imagem foi mandado fazer pelo Tesoureiro da Irmandade, o Veador João José Teixeira, no ano de 1867, por deliberação da Mesa administrativa, a pedido da Exma. Aya de Nossa Senhora a Viscondessa de Mauá” (MAIA, 2005, p. 40-41). Nada foi encontrado a respeito do escultor.

O termo Veador refere-se a um antigo título honorífico dado em Portugal e no Brasil, ao oficial-mor da Casa Real, que servia junto à Rainha e à Imperatriz, no Paço ou fora dele; camarista do Rei ou da Rainha, escolhidos entre os membros da nobreza (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Veador>. Acesso em: 12 out. 2017).

A troca da indumentária de Nossa Senhora da Glória: um rito de pudor e respeito

Anualmente, a 5 de agosto, a partir das 16 horas, têm início as cerimônias preparatórias para a solenidade de Nossa Senhora da Glória, que ocorre no dia 15 do mesmo mês de agosto. Na nave da Igreja, membros da Irmandade e demais fiéis começam a recitação do Terço e neste momento a Imagem de Nossa Senhora da Glória é retirada do camarim retabular [FIGURA 1]. O que se dá através de um elevador manual, utilizado tanto na descida, como na devolução da Imagem ao seu camarim.

Na sacristia ocorre a primeira chamada das Aias, feita por ordem de antiguidade na função. Estas devem estar vestidas de branco, para subirem ao recinto onde será feita a troca das vestes. Em seguida, as Aias, em exercício, como também as Aias e provedoras jubiladas, se dirigem para o recinto onde está a Imagem de Nossa Senhora da Glória, que foi retirada do camarim. A coordenadora das Aias faz uma segunda chamada e indica qual delas fará a retirada de cada peça da indumentária, constituída de 12 peças. A saber: camisola íntima, à semelhança de uma segunda pele; camisola sem manga; camisola com manga; anágua; vestido; faixa; jabôs rendilhados dos punhos e do colarinho; peruca; mantilha; cetro e coroa. Há então a terceira chamada, depois da qual a Coordenadora escolhe as Aias que devem repor as novas peças. A reposição da coroa sempre é feita pela Provedora em exercício (CAMPOS, 2017, p. 50).

Após o desnudamento da escultura, cada uma das peças é substituída por peças novas. Enquanto isso, as demais Aias recitam o terço, cantam um hino em louvor à Virgem e, finalmente, uma das Aias entoia as *litanias lauretanas*, que são respondidas pelas demais Aias, com a participação dos fiéis que se encontram no corpo da igreja. Segundo Feijó Maia (2005, p. 40), tempos houve em que, além de perfumar, as Aias banhavam a escultura com vinho branco e adornavam-na com joias.

Após a imagem ser revestida com as novas peças de roupa, abre-se a sala para a cerimônia de fotografias do doador ou doadora das vestes, que serão substituídas nas festividades do ano seguinte [FIGURA 2].



Figura 1: Camarim vazio, após a Imagem de Nossa Senhora da Glória ter sido retirada para ter as vestes trocadas, em recinto interno (Foto de Eduardo da Costa Campos, 05/08/2017).



Figura 2: Após a imagem ser revestida, abre-se a sala para a entrada dos doadores e demais membros da Irmandade. Nesta fotografia: Dionísio Fernandes e Aias (Foto do Acervo pessoal do Sr. Dionísio Fernandes, 05/08/2009).

Às 18 horas, ao soarem os sinos, entoa-se o *Magnificat* e a imagem da Virgem com o menino é devolvida ao camarim retabular. Após o regresso da Virgem ao camarim, os confrades posicionam-se no presbitério e as confradeiras, nas primeiras fileiras de cadeiras dispostas na nave, para, juntamente com os demais fiéis, assistirem solene missa.

Todos estes eventos foram relatados pela Sra. Dulce Maria Rey Rodriguez, membro da Irmandade há vinte nove anos, entrevistada em 05 de outubro de 2017, e pelo Sr. Dionísio Fernandes, membro da Imperial Irmandade há dez anos, em entrevista concedida em 31 de maio de 2017. E também foram testemunhadas, em 05 de agosto de 2017 (CAMPOS, 2017).

Somente as Aias podem estar presentes no recinto da troca das vestes, porém, parte do término do processo de aprontar a Imagem de Nossa Senhora foi realizada em seu camarim. Devido à avaria mecânica no elevador, a Imagem de Nossa Senhora da Glória regressou ao trono por mãos humanas, fazendo com que os últimos detalhes da vestição da mesma imagem se dessem já no camarim retabular [FIGURAS 3, A e B, 4, A e B e 5, A e B].



Figura 3: Sequência final da vestição da Imagem de nossa Senhora da Glória no Camarim.

Figura 3 A: Retorno da imagem.



Figura 3 B: Reposição da Imagem do Menino Jesus (Fotos de Eduardo da Costa Campos, 05/08/2017)



Figura 4: Sequência final. Vestição da Imagem de Nossa Senhora da Glória em seu Camarim.

Figura 4 A: Reposição do cetro.



Figura 4 B: Últimos ajustes antes da porta traseira do Camarim ser fechada (Fotos de Eduardo da Costa Campos, 05/08/2017).



Figura 5 A e B: Imagem reentronizada. Veste doada pelo casal Maria de Lourdes Abreu e Renato Abreu, confecção de Mathilde Kraichete (Foto: Eduardo da Costa Campos, 05/08/2017).

Considerações finais

A troca da indumentária das imagens de vestir, uma prática devocional secular, que passou por distintas fases, no contexto da catolicidade brasileira. Como se depreende das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, há pelo menos dois períodos: um, antes de uma, depois das considerações sinodais, redigidas no ano de 1707, sob a chancela de Dom Sebastião Monteiro da Vide. As ditas *Constituições* prescrevem que doravante as imagens de vestir não fossem mais de roca, como se denomina a estrutura de ripas, que sustenta o busto de determinadas esculturas, mas sim, talhadas de corpo inteiro. Como visto ao longo do texto, essa foi uma das preocupações da Imperial Irmandade do Outeiro da Glória, que no século XIX, mandou completar o corpo da imagem que serve de orago à igreja do Outeiro fluminense. Ao longo do século XX, a prática de vestir as imagens entrou em declínio e até mesmo deixou de ser exercida, em determinadas comunidades. Contudo, na igreja do Outeiro da Glória, essa prática devocional foi preservada e ainda mais incrementada no século XXI, quando há uma maior conscientização em favor da preservação

do patrimônio material e imaterial, cujos materiais são preservados em acervos e na memória do povo, que continua exercendo o ritual.

A experiência da troca de vestes da imagem de Nossa Senhora do Outeiro da Glória é uma experiência ímpar, no contexto religioso da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de cerimônia com periodicidade anual, recebendo sempre vestes novas e doadas por membros da Irmandade ou por fiéis devotos. Este é um costume mais recorrente na Espanha e nos países onde foram implantados os costumes espanhóis, como, Filipinas Peru, Equador e México, porém menos frequente no Brasil e nos outros países dominados pela cultura portuguesa. A tradição de troca das vestes de imagens é um tema ainda pouco estudado, e merece um aprofundamento em diversos ramos das ciências humanas sobre suas origens e o seu estabelecimento. Dentre os pesquisadores sobre as imagens de vestir, destacam-se Maria Regina Emery Quites, no Brasil, atuante na Universidade Federal de Minas Gerais, e Maria Garganté Llanes (2015, p. 176-189), na Espanha, professora da Universidade Autônoma de Barcelona.

Merece destaque a conservação do acervo patrimonial da irmandade do Outeiro da Glória, composto de vestes, joias e demais peças que, além de resguardar a memória, demonstra a devoção dos confrades à Virgem da Glória.

A realização desta pesquisa consistiu numa experiência viva de participação na troca da indumentária de Nossa Senhora da Glória. Importa ainda salientar o papel da Irmandade mantenedora e das senhoras Aias, que são peças fundamentais na preservação desse ritual em honra da Virgem Assunta e Gloriosa. Para que tal costume não caia no abandono, talvez fosse o caso de promover maior divulgação do evento, para que se tornando mais conhecido, pudesse atrair novos fiéis e mais particularmente, a substituição das Aias, que vão falecendo. Isto preservaria do desaparecimento esse patrimônio cultural e religioso.

Referências

BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença*. São Paulo: Paz e terra, [1972] 1991.

CAMPOS, Eduardo da Costa. *Nossa Senhora da Glória e suas Aias: apronto, cuidado e devoção – um exemplo no universo imaginária de vestir*. Rio de Janeiro: Monografia de especialização em História da Arte Sacra, FSB/RJ, 2017.

COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. *Estudo da escultura devocional em madeira*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Imagens de Vestir na Bahia*. In: V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, 2001.

_____. *Imagens de roca e de vestir na Bahia*. *Revista Ohun* – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA, Ano II, n. 2. Salvador: out. 2005.

_____. *O Concílio de Trento: As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia e a arte religiosa no Brasil*. Belo Horizonte: Imagem Brasileira, 2009.

FRAGOSO, Mauro Maia. Uma proposta para estudo da imaginária cristã a partir de Romano Guardini e o contexto cultural da obra. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 145-166, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistacoletanea.com.br/>. Acesso em: 16 ago. 2019.

MAIA, Antônio Fabiano Feijó. *Nossa Senhora da Glória: O auge do seu Culto no Rio de Janeiro (1840-1889)*. 2005, 48f. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2005.

_____. *A escola vai ao museu: avaliação da aula visita ao museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. 2009. 54f. Dissertação (Mestrado em Avaliação). Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2009.

OUTEIRO da Glória: *marco na história da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arte Padilha, 2015.

Livro de atas da Imperial Irmandade, sessão de Três de Outubro de 1867, p. 211.

Livro de Atas. Atas sem especificações de mesa da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. De 1835 a 1869 (IINSGO, IGO B1c).

LLANES, Maria Garganté. La barroquización de las imágenes románicas en catalunya. *Imagem brasileira*, N. 8, Belo Horizonte, 2015, p. 176-189. Disponível em: https://www.ceib.org.br/downloads_revistas.html. Acesso em: 16 ago. 2019.

Manuscritos dos Arquivos da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro: Compromisso da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, 1835.

OLIVEIRA, Selma Soares de. *Imagens de Roca: Uma coleção singular da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

QUITES, Maria Regina Emery. As imagens processionais sob o olhar dos viajantes do século XIX. *Imagem Brasileira*, N. 3, Belo Horizonte, 2006, p. 23-30. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistaceib/index.php/imagembrasileira/issue/view/3>. Acesso em: 16 ago 2019.

SANTA MARIA, Agostinho de. *Santuário mariano, e histórias das imagens milagrosas de Nossa Senhora* – tomo X. Rio de Janeiro: INEPAC, [1723] 2007.

SCMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: EDUSC, 2007.

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: EDUSP, [Sínodo Diocesano da Bahia, 1707] 2010.

Artigo recebido em 10/06/2020 e aprovado para publicação em 19/06/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i37-2020-9>

Como citar:

FRAGOSO, Mauro Maia; CAMPOS, Eduardo da Costa. A cerimônia de troca da indumentária de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 153-164, jan./jun. 2020. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br